

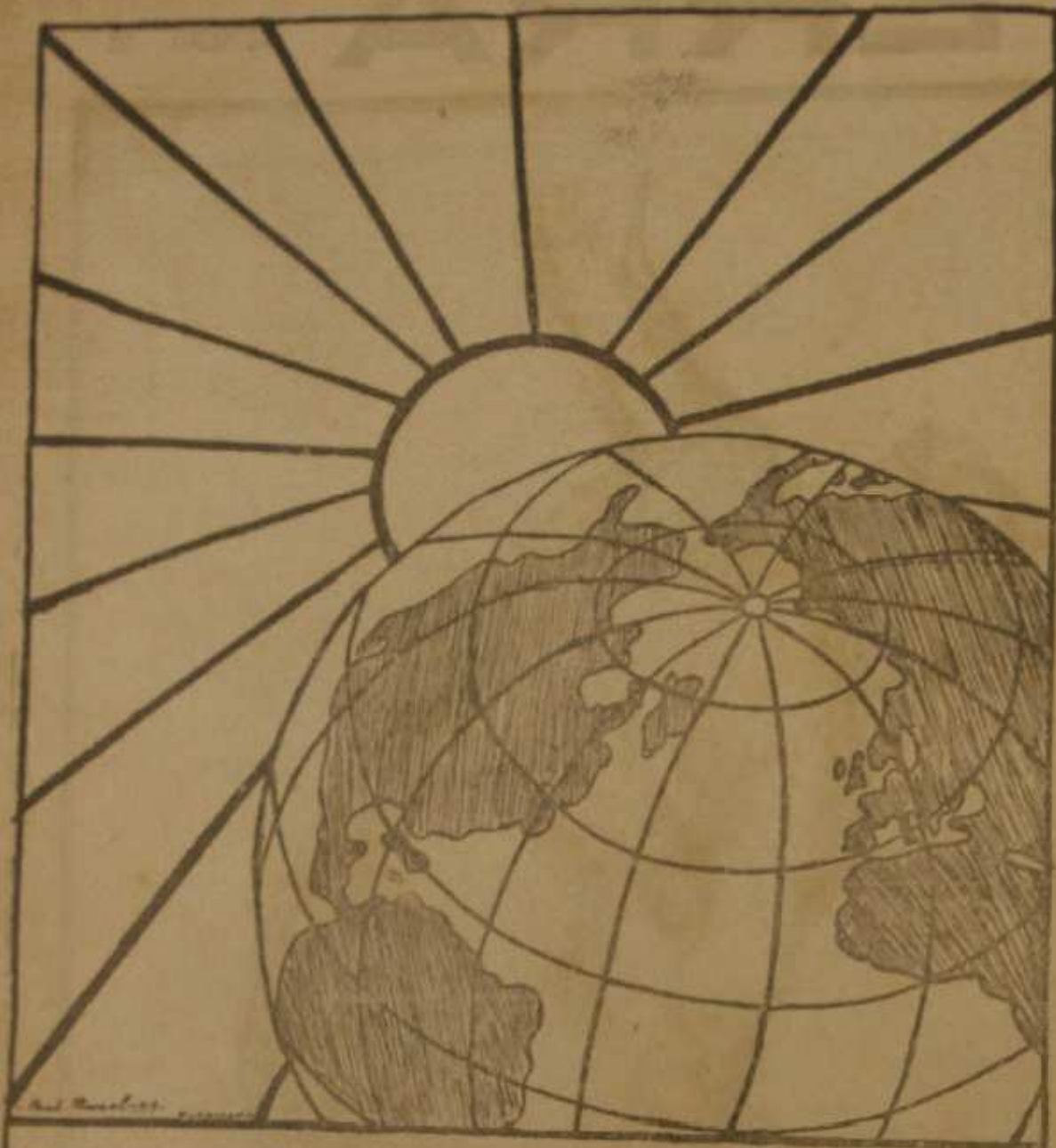


A selva vigorosa e rejuvenescedora que circula tonificante nos ramos da actividade brasileira, gira tambem no ramo das artes plasticas.

Gottuzzo é um dos artistas nacionais mais curiosos pela feição realista dos seus trabalhos.

O «estudo de nú», que publicamos ao lado, demonstra bem o seu culto da forma naturalista. A *pose* da figura tem uma graça tão real, irradiando tanta vida, que constitue, por si só, um documento honroso para o joven pintor Gottuzzo.





Publicada sob a direcção e responsabilidade de

Othon d'Eça

Altino Flores

Ivo d'Aquino

Secretario:

Oswaldo Mello

—«0»—

Toda e qualquer correspondencia: deve ser endereçada á:

REDACÇÃO DA

Terra

Rua Visconde de
Ouro Preto N. 1

—«0»—

Officinas graphicas

DA

“**Republica,**”

Rua João Pinto
n. 16

◆ **Terra** ◆

Acceptamos collaboração de qualquer parte do Estado e de fóra, desde que não seja longa, nem escripta em orthographia phonetica.

Das correspondencias dos municipios, que nos quiserem enviar, reservamos o direito de aproveitá-las no que acharmos interessante.

Publicaremos reclamações em cartas, desde que sejam breves, assignadas e em termos convenientes.

Não temos «Secção Livre».

Assignaturas

Anno	10\$000
Semestre	6\$000
Numero Avulso	200

ANNUNCIOS

	1 pagina	1/2 pagina	1/4 de pagina
12 vezes	480\$000	250\$000	145\$000
8 »	325\$000	176\$000	90\$000
4 »	165\$000	90\$000	50\$000
2 »	85\$000	45\$000	25\$000



Terra,



— REVISTA SEMANAL CATHARINENSE —

A literatura e a grande guerra

É este o título sob o qual o distincto escriptor argentino Carlos Iburguem, professor da Faculdade de Direito, parlamentar e político que foi ministro com Saenz Pena, reuniu as conferencias que fez no Conselho Nacional de Mulheres de Buenos Aires. São ellas escriptas com muita elegancia de estilo e com grande emoção. O autor recebeu a educação franceza que todos nós recebemos e ficou della impregnado, parecendo-lhe que a guerra só exerceu verdadeira influencia sobre a literatura franceza. As outras não contam, quando se trata dessa, superior ás demais, porque é a unica a vibrar com themas universais. Os demais povos e nações podem ter sua cultura: a França só tem a cultura humana. O que é facto é que a these do Sr. Iburguem serve simplesmente para demonstrar o contrario do que affirmavam os partidarios dos aliados: que na Alemanha não se pensava snão em guerra, que na França apenas se respirava paz.

A propria literatura, aponta o Sr. Iburguem, soffreu em França uma transformação nos annos que precederam a guerra, fulgurando em muitos livros a chamma do lyrismo heroico e do mysticismo combatente, uma ansia de façanhas, o desejo da gloria. Esta preocupação era bem mais visivel, bem mais marcada do que a dos assumptos sociais, consistindo numa exalta-

ção saturada de energia bellicosa para realizar as reivindicções nacionais, para renovar as proezas do passado, para evocar quadros victoriosos da história. O idealismo ardente era muito mais politico do que humanitario: no recesso da alma da juventude o que resoava era o toque dos clarins.

A questão era, na phrase de Gastão Rion, substituir as fórmulas academicas pela acção—acção patriótica, que é uma função humana ao seu vér.

Um dos directores espirituais das novas gerações francezas—como o qualifica Iburguem—Charles Péguy, não sómente concitava á guerra santa para defesa do christianismo, mas pregava a guerra de desforra porque a História inecreve exclusivamente nos seus annais os que a tanto chegam pelo seu proprio esforço, respeitando e considerando unicamente a FÓRÇA. Que differença ha entre esta linguagem e a dos escriptores alemães tão denunciados pela propaganda anti-germanica? Péguy, que aliás, logo em 1914, morreu no campo de batalha, é o autor do *Notre Patrie*, obra de um «nacionalismo exacerbado».

Rudyard Kipling o que é por sua vez snão o apologista da força, para elle synonymo de justiça? Entretanto na Alemanha, patria de Nietzsche, para quem o segrêdo do exito estava na expansão da energia, na Alemanha imperial, orgulhosa das

suas victórias, «para a qual era a vontade a criadora de quanto é grande no homem e na vida», a doutrina socialista tanto se infiltrava que engendrava livros contrarios a essas theories de uma moral para os senhores e de outra moral para os servos, esta última feita «de virtude debil e de bondade impotente». Não poucos eram os espiritos aos quais repugnava outra hegemonia que não a pacifica.

Tão convencional é porém o estado de exaltação patriótica, a nevrose bellica, que logo que se declarou a guerra e que se principiou a combater, os corações deixaram-se ganhar e dominar pela vibração humana e a ira como que desapareceu da expressão literaria, sendo substituida ora pelo terror ora pela tristeza. Assim observa o autor, accrescentando que as páginas declamatorias e odientas provinham sem excepção dos que pelejavam longe do front.

Vallery Radot, neto do grande Pasteur, a mais legitima gloria franceza da segunda metade do seculo XIX, victima da guerra onde serviu como médico militar, escreveu pelo contrario trechos tão imbuidos dos sentimentos de fraternidade humana, que a censura prohibiu sua publicação até o armistício.

Os sacrificios pela patria eram feitos pelo coração, escreve elle, mais a razão se surpreendia de que tal acontecesse.

Canção da cerejeja

Disse Deus na primavera:

—Ponham a mesa ás lagartas!

E a cerejeira cobriu-se imediatamente de folhas, milhões de folhas fresquinhas e verdejantes.

A lagarta, que estava dormindo dentro de casa, acordou, espreguiçou-se, abriu a bocca, esfregou os olhos e pôs-se a comer tranquillamente as folhinhas tenras, dizendo:

—Não pôde a gente despegar-se dellas. Quem é que me arranja este banquete?

Então Deus disse de novo:

—Ponham a mesa ás abelhas!

E a cerejeira cobriu-se imediatamente de flôres, milhões de flôres delicadas e brancas.

A abelha matinal, aos primeiros raios da aurora, poisou sobre ellas, dizendo:

—Vamos tomar o nosso café; e que chavenas tão bonitas em que o deitaram!

Provou com a lingueta, exclamando:

—Que deliciosa bebida! Não pouparam o açúcar!

No verão disse Deus:

—Ponham a mesa aos passarinhos!

E a cerejeira cobriu-se de frutos appetitosos e vermelhos.

—Ah! ah! exclamaram os passarinhos, foi em boa occasião; temos appetite e isto dar-nos á novas forças para podermos cantar uma nova canção.

No outono disse Deus:

—Levantai a mesa; já estão satisfeitos.

E o vento frio das montanhas começou a soprar, e fez estremecer as arvores.

As folhas tornaram-se amarelas e avermelhadas, cahiram uma a uma, e o vento, que as lançou ao chão, erguia-as novamente, fazendo-as esvoaçar.

Chegou o inverno e disse Deus

—Cobri o resto!

E os turbilhões trouxeram a neve, sob cuja mortalha tudo dorme e descansa.

Guerra Junqueiro

A guerra perdeu toda a poesia e pode até dizer-se que todo o pitoresco: já não fornece temas para telas epicas, sendo agora, na phrase de Robert de la Sizeranni, a lucta do invisível contra o desconhecido. A opinião, aliás, de todos os profissionais, inclusive o marechal Foch, é que a proxima guerra—já se fala correntemente nesse horror—será mais que tudo no ar e debaixo d'agua. A esthetica dos detalhes desaparecerá então de todo, como já desapareceu o sentimento do heroísmo quase jubiloso, expansivo, confiante que era apanagio da guerra á antiga. Hoje o que predomina na literatura especial por ella provocada é «a funda impressão produzida na alma do combatente pelo contraste entre a mortandade apavorante dos encontros e a belleza fecunda que a primavera irradia».

O sossêgo da natureza em opposição á loucura dos homens—eis o leit-motiv de todos esses livros feitos de tristeza e de resignação. A grande ansia é a de viver. A exaltação mystica, o patriotismo, é uma força moiriz de bravura militar, que age collectivamente. Individualmente,

o medo de morrer impera, embora desapareça naquelle impulso social da massa. Bonnet nas *Reflexions sur la mort d'un soldat*, diz que perguntou a um *poilu*, seu companheiro de trincheira, si sabia que era campeão da civilização e da liberdade? Ao que o outro respondeu que pouco lhe importava, o que mais desejaría seria voltar para casa. Segundo Adrien Bertrand (*L'appel du sol*), o característico essencial da guerra é a abolição da vontade, a abolição pôde dizer-se do raciocinio, do pensamento.

Nas trincheiras não se pensa em coisa nem em pessoa alguma. Não ha logar para pesares, nem para esperanças. Aceita-se o destino sem murmurar: assim o exige a disciplina e assim o produz o desaparecimento da personalidade consciente.

A glória nessas condições é o anonymato da morte

Ça s'appelle la gloire et ça n'a pas de nom, diz o poeta Henry Jacques, interpetrando a alma da maioria do povo que enxérga «na guerra uma tortura incessante, no heroísmo uma palavra van e óca empregada em tom declamatorio pelos politicos e

periodistas que se não batem». Para essa gente

C'est avec eux qu'on fait l'histoire,
Poux de créneau, choir à canon;
Nul ne saura jamais leur nom...
C'est ça qu'on appelle la gloire!

vencer é viver. O heróe do livro de Dorgelès—*Le retour du héros*—explica á familia: «Foi uma victoria, pois que eu sahi de lá vivo». Grito de egoísmo bem natural e bem humano...

OLIVEIRA LIMA

Pé de chumbo

Aos torcedores do glorioso Preto—Encarnado... offereço

Jota

Oh Riachuelo, pé de chumbo.
É's pesadão, és pesadão!
Tinhas uma proa tão venturosa
Que o Barroso levou no arrastão, no arrastão...

O Martinelli e o Marcilio.
São dois amigos laes...
O Martinelli quebrou o remo...
O Marcilio não remou mais...

Oh Riachuelo, pé de chumbo.
Etc...

(Para ser cantado com a musica popular do «Pé de anjo».)

O QUE O REI DA BELGICA DISSE DO BRASIL

Sua majestade o rei Alberto foi entrevistado no dia 9 do corrente pelo director geral da Agencia Americana, sr. Oscar de Carvalho Azevedo, que foi recebido pelo soberano belga no palacio de Lacken, com vivas demonstrações de agrado.

O rei dos belgas manifestou ao sr. Carvalho Azevedo a viva gratidão dos soberanos da Belgica para com o dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica, e sua exma. senhora, e para com os presidentes dos Estados que visitou, assim como pelas autoridades brasileiras, não esquecendo o amavel povo do Brasil, que lhe fez um acolhimento de que se não poderão olvidar jámais, tanto o rei, como a rainha e o principe Leopoldo.

Declarou sua majestade que a sua inolvidavel viagem lhe permitiu formar uma idéa exacta do grande país que é o Brasil, já conversando com os seus estadistas, sábios e technicos, já vendo a verdadeira situação da grande Republica sul-americana, país de grandes possibilidades e extraordinarios recursos, para se erguer até onde ainda não chegaram os maiores países do mundo.

A bordo couraçado «S. Paulo», sua majestade visitou, junto com a rainha Elisabeth, a casa das machinas e das caldeiras do poderoso «dreadnought», onde se certificou dos indiscutíveis adiantamentos da marinha brasileira e da solida cultura dos seus officiaes marinheiros.

Na parada que se realizou no Rio de Janeiro, nas alamedas da Quinta da Boa vista e nos desfiles das tropas no campo de S. Christovam, teve occasião de apreciar e até de admirar a firmeza e a disciplina do exército brasileiro, que não tem nada a invejar aos melhores exercitos das nações mais velhas.

Em contacto com os homens do Brasil, viu o grande progresso, que se accentua de uma maneira distincta, em todos os ramos da actividade humana. Disse que ficou admiravelmente impressionado, na visita que fez ao Instituto Oswal-

do Cruz, em Manguinhos. O rei dos belgas declarou-se muito sensibilizado com as visitas dos brasileiros que cursaram as Universidades belgas, dizendo logo que deseja que a mocidade brasileira continue a frequentá-la, para o que tudo lhe será facilitado.

Admirou a cidade de S. Paulo, que possui um dos mais completos estabelecimentos scientificos, o Instituto Butantan.

Falou ainda da perfeição da viação, tanto urbana como ferrea, afirmando que os caminhos de ferro que teve occasião de observar obedecem a um traçado que faz honra á engenharia brasileira. Também teve palavras de muito louvor e admiração pelos methodos de lavoura em uso no Brasil, que serão, para o futuro ainda mais do que hoje, uma das grandes fontes de riqueza da florescente Republica brasileira.

Referiu-se, com palavras de muito carinho, á parada infantil que se realizou em Bello Horizonte, admirando a precisão dos movimen-

tos e a ordem com que todos esses movimentos foram executados.

Na visita que fez ás minas de ouro do Morro Velho, onde desceu, pôde avaliar da grande riqueza do riquissimo país, que não é só rico pelos encantos naturais que se desfrutam, pelos seus homens, que são intelligentes, cultissimos e trabalhadores, mas pela abundancia de riquezas naturais, com que a natureza dotou a grande Republica que teve a felicidade de admirar.

Louvou o Estado do Rio, salientando a perfeita estrada para automoveis, ligando a cidade de Theresopolis á de Petropolis, onde se podem apreciar magnificos panoramas e de onde trouxe uma recordação muito suave. Também gabou o Posto Zootechnico de Pinheiros, que lhe fez ver claro acerca do futuro da industria frigorifica do Brasil.

Terminou manifestando a sua excellente impressão acerca do acôrdo do crédito e redução de direitos de diversas mercadorias belgas.

A reeleição do dr. Hercilio Luz

PROGNOSTICOS QUE SE REALIZAM

A «Actualidade», nos primeiros dias de janeiro do corrente anno, referindo-se á personalidade eminente do dr. Hercilio Luz, tinha as seguintes palavras, hoje em caminho de serem realizadas, sobre a reeleição do eminente governador catharinense:

«Tão efficiente tem sido a sua acção, tão fortes as sympathias que goza, que já se murmura, no interior, que o povo não quer que o preclaro homem de Estado deixe o governo daqui a dois annos. Parece que vai suggerir ao Congresso a reforma constitucional afim de que o illustre governador de Santa Catharina tenha reformado o seu mandato. Não é coisa muito republicana. Mas si o povo quer, que fazer? Elle afinal é que delibera. Se o dr. Hercilio Luz vai governando bem, porque não continuar?

Depois não é só isso. S. ex. iniciou obras grandiosas e ha de querer ultimá-las. Num resto de quadriennio s. ex. não as terá concluído. A reeleição, portanto, é uma coisa que se impõe, pelo proprio interesse publico em jogo.»

Isto dizia a «Actualidade» ha quase um anno. Vai-se agora verificando o que prognosticavamos. Apenas num ponto erráneos: o da reforma constitucional. Para reeleger-se, o dr. Hercilio Luz não precisa reformar a constituição de S. Catharina em exercicio.

Terá apenas que demittir-se para desincompatibilizar-se, 6 meses antes do pleito. E' o que se vai dar.

Os Conselhos Municipaes num movimento de grande significação, já levantaram o seu nome á governança do Estado. E a reeleição se fará.

Da «Actualidade».

Quadros vivos

Faz um calor l...

As arvores estão quietas, vestidas de folhas verdes, banhando-se num dilúvio de luz.

O sol queima; nem sequer sopra uma leve aragem.

A bahia, serena, azul-clara, parece uma tela fresca.

Os montes estão luxuriosamente ostentando a sua riqueza verde.

Lá, bem ao fundo, entre mar e céu que se tocam, uma vela surge, e vem como si fôra uma asa a ferir a flor das águas.

No alto, caminham vagarosamente nuvens monstruosas, rumo ao sul, de formas exquisitas, pesadas, cor de chumbo, que se vão amontoando ameaçadoras, prenunciando tempestade. As ruas estão desertas; as janelas das casas, cerradas, impedindo a invasão da luz.

Passa às vezes um auto em disparada, fonfonando, a deixar no caminho um rastro de fumaça que logo se esvai.

O meu vizinho pôs agora num prego uma gaiola de taquaras, donde um canario despedelindo cantares de saudade do ninho onde nasceu.

Está quase a dar meio-dia; e o calor augmenta, entorpece.

Um cão vadio, magro, faminto, vem em desabrida, apertando nos dentes um osso apanha-

deuzada toda, no varão da cadeia. Esta é a minha história — tanta mixorna por uma bulha do arroio! Vancê faça o que quiser della nos jurys: eu não cuido no tempão que hei de parar aqui — e a saudade do meu campo e da minha lida, hão de dar commigo na cóva. Mas, diz que, seu doutor, um tropeiro foi e é sempre um homem... >

Tito CARVALHO

do do lixo; e logo atrás, quase a alcançá-lo, um outro cão, porém, maior e mais forte

Era a lueta tremenda e desigual entre o forte a perseguir o fraco, ambos, no entanto, impellidos pelo mesmo mal — a fome!

Aqui, bem á esquina, pararam; e o cão que trazia o osso deixou-o cair aos seus pés; depois entraram a rosar, mostrando um ao outro os dentes brancos e afilados; mediram-se e o mais forte avançou primeiro, procurando ferrar os dentes no pescoço do adversario; este, ligeiro, escapou; agora rolou os dois, mordendo-se furiosamente como lobos esfaimados.

Uns garotos, em volta, animam os lucladores, acirrando-os.

O sangue escorre de ambos; e quando estão no mais acceso da lueta, um terceiro cão chega, aproxima-se e páre; num olhar comprehende tudo; de manso, sorradeira mas covardemente, alcança o osso, toma-o na bocca e sae a correr; a garotada ri, asobia desenfreadamente; os animaes, cansados da lueta, tentam persegui-lo, seguem-no até uma pequena distancia, mas, fracos, mal se sustendo nas pernas, de-

sistem; e, cada qual, vai para seu lado, latindo ainda com os olhos amortecidos, lingua babosa fôra da bocca, coberto de pó e sangue.

Há dessas senas na vida humana, pensei, retirando-me da janela e accendendo um cigarro. Quantas vezes, após cansaços e desfallecimentos, o pobre conquista o pão e logo o perseguem a mentira, a calúnia e a inveja!

E, quando o desgraçado pára em defesa de seus direitos, chega a intriga, que se aproveita da occasião, levando consigo tudo que era o seu trabalho e a sua esperança...

A trovoadá, como um écho perdido de um tiro de canhão, principia.

* Grossos pingos de chuva caem.

E' a tempestade, a enxurrada que vem, nessa furia de fogo de palha, como acontece sempre nestas tardes de verão...

Oswaldo Mello

O CONTINGENTE PARA 1921

O exercito necessita de 25.910

Já foi approvedo, pelo sr. ministro da guerra, o mappa descriptivo dos contingentes que os Estados e o Districto Federal têm que fornecer ao exercito no proximo anno. Por elle se vê que, para preencher os seus claros, o exercito necessita de 25.910 homens, que serão fornecidos pelos Estados, na seguinte fórma:

1ª. região (Districto Federal, Estado do Rio e Espirito Santo) — 6.279;

2ª. região (S. Paulo e Goyaz) — 3.243;

3ª. região (Rio Grande do Sul) — 7.912;

4ª. região (Minas Geras) — 2.183;

5ª. região (Bahia, Sergipe e Alagoas) — 726;

6ª. região (Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará) — 946;

7ª. região (Piauhy, Maranhão, Pará e Amazonas) — 1.152;

1ª circumscripção militar (Matto Grosso) — 1.331;

2ª circumscripção militar (Paraná e Santa Catharina) — 2.163.

Esses conscriptos serão sorteados dentre os alistados pelas circumscripções de alistamento, de 1 a 22, na ordem seguinte: 1.995, 3.223, 1.061, 3.534, 375, 7.912, 2.183, 1.376, 787, 378, 101, 247, 318, 290, 105, 233, 267, 439, 239, 207 e 670.

NOTAS

Com o intuito, para nós honroso, de visitar o nosso Estado, chegou domingo último a esta capital o sr. Pessoa de Queiroz, secretario do sr. presidente da Republica.

Depois de curta, mas brilhante passagem no terreno de diplomacia, o sr. Pessoa de Queiroz foi escolhido para o cargo que actualmente occupa e ao qual espresta o vigor da sua operosa intelligencia.

Segunda-feira, 22 do andante, realizou-se a abertura das propostas para fornecimento de generos alimenticios e outros para os presos da cadeia de Florianopolis. Opportunamente noticiaremos qual dellas foi aceita.

Pelo Itagiba veio do Rio a esta capital o sr. Elso Bayão, deputado federal por este Estado.

Não ha que ver! Os ares catharinenses, nas proximidades das eleições, têm o condão de desviar das delicias cariocas os seus mais dilectos amigos...

O apparelhamento escolar de S. Paulo, até ha pouco proclamado como a coisa melhor que no genero havia em nossa patria, acaba de ser reconhecido, pelos proprios paulistas, como «inefficiente», pelo que vai ser reformado *de fond en comble*.

Otro deputado federal pela nossa terra acaba de vir á óita: é o sr. Eugenio Müller.

Bons ventos o bafejem, e que elle vá pedindo desde já a Deus que o mantenha nas graças do eleitorado.

Coisa, aliás, a nosso ver—difficil.

Como a Deus nada é impossivel, esperemos.

A agencia dos correios do Porto

União foi assaltada, tendo sido violadas algumas malas postais.

Eis ahi uma scenazinha do Far-west... catharinense.

Deverá ser hoje inaugurada a linha de auto-omnibus entre o Estreito e a Palhoça.

Ao sr. Joaquim Moura, a quem cabe a iniciativa desse melhoramento, apresentamos as nossas felicitações.

O nosso preclaro confrade *Comercio do Paraná*, em seu numero de 17 do andante, ao annunciar o festival artistico de Eduardo Pereira, actualmente em Curitiba, dá a lume alguns dados biographicos do conhecido actor, pelos quais se vê que Eduardo Pereira nasceu em Nietheroy aos 13 de março de 1878.

Segue-se uma apreciação do trabalho do artista, apreciação que nos parece excessivamente benevolenta.

Sim, porque, aqui pelo menos, Eduardo Pereira, absolutamente não se destacou em nenhuma das peças postas em scena no *Alvaro de Carvalho*.

Monopolizando os papeis de galan, já no *Romance de um rapaz pobre*, já na *Morgadinha de Val-flor*, já na *Rosa do Adro*, já no *Amor de Perdição*, nunca poude, com os seus 42 annos de idade, imprimir-lhes a somma de paixão que em tais peças se exige. Faltava-lhe o calor, a vibração, a vida sentimental que faz daquellas peças as amostras mais typicas do antigo theatro romantico.

Como elle ficou longe do tambem *maduro* Christiano de Sousa, no papel de Maximo Odier, no *Romance de um rapaz pobre*! E na *Menina do Chocolate*, ao contrario, como se fingiu de moço, saltando por cima de mesas e cadeiras, dando ao delicado *vaudeville* um estapafurdio tom de pantomima!

Isso tudo nos suggere duas suspeitas: ou Eduardo Pereira desconhecia a psychologia dos personagens que representava, ou tratava a nossa plateia como uma sucia de toleirões...

O premio de literatura Nobel será concedido ao escriptor norueguês Knut Hamsun.

Aos 17 annos e trabalhando como aprendiz de sapateiro, Hamsun iniciou-se no cultivo da literatura e trabalhava, nas primeiras horas da noite, na composição do seu primeiro poema.

Meses depois, fatigado da sua dura vida, expatriou-se, trabalhando na America em diversos officios, sendo tambem, successivamente, pescador, empregado no commercio e conductor de tranvias.

Aos 28 annos voltou á patria, entrando no jornalismo. Com a missão de correspondente dum periodico norueguês, partiu de novo para a America. Ao tornar á sua patria escreveu a sua primeira obra — *tome* — em que relatava as misérias da sua juventude, e que obteve franco exito.

Quase todos os seus livros estão já traduzidos em inglês e alemão.

O novellista Wells disse das obras de Hamsun: «São as mais intensas que tenho lido.»

Prepara-se actualmente uma versão directa das suas obras completas para o espanhol.

E possivel que, ao ser publicada esta nota, já esteja funcionando no *Alvaro de Carvalho* a excelente Companhia Chaby Pinheiro.

Possuidora de um repertorio irreprochavel, composto de peças classicas e peças modernissimas, a companhia tem sido sempre festejada em todos os grandes centros brasileiros.

O nosso público deve, pois, ir ao Theatro. Porque dando, deste jeito, uma prova do seu bom-gosto, corresponderá simultaneamente aos esforços da Empresa Moura & Cia. para que tenhamos verdadeiros serões de arte.

Echos dos Cancellas em Curitiba

Figuras da t ela e do palco

Eis o que o nosso valoroso confrade *o Estado*, em um dos seus últimos números, publicou com o título supra:

«Devem estar lembrados os leitores que, quando esteve trabalhando no **Alvaro de Carvalho** a **troupe Cancellas**, por mais de uma vez consuramos os ditos picantes e os palavrões salgados das peças postas em scena, peças essas que foram corajosa e duramente atacadas pelos nossos collegas da **Terra**, os quais, afinal, soffreram dos ridiculos actores uma suja desfeita.

Com o mesmo repertorio torpe, foi a **troupe** para Curitiba. E sabem, porém, o que aconteceu? As familias da distinctissima ** lite** curitibana abstiveram-se, ennojadas e offendidas, de ir ao Theatro. A Cancellagen pensava que o inatacavel pudor da familia paranense a toleraria...

Eis o que diz o **Commercio do Paraná** em seu numero 3.228, de 10 do corrente, segunda columna da primeira página:

«Subir  hoje   scena no Theatro Central, a opereta nacional em 3 actos, original de João Belem, musicada pelo maestro Raul Moraes: «Gatuno do Am r».

Peça de estilo completamente differente das que têm sido encenadas pela Companhia Cancellas, não cont m os ditos picantes e salgados que afastaram do bello theatriuho as distinctas familias desta capital.

Trata-se de uma opereta leve, engraçada e bem musicada.

E' de esperar pois, que volte hoje ao Central a sua antiga plat a—**a  lite** curitibana.»

A familia catharinense faz causa commum com a familia paranaense, protestando contra as obscenidades theatraes dos Cancellas havidos e por haver, mau grado certa imprensa que presta aos tais a sua eloquencia e a sua sympathia.»



PRISCILLA DEAN

Domingo, 21 do corrente, embarcou para o Rio o sr. Fulvio Aducci, advogado do nosso f ro e candidato a uma vaga de deputado federal por este Estado.

Concorridissimo foi o seu botaf ra, em que tocaram as bandas de musica do **Corpo de Segurança**, **Amor   Arte e Commercial**.

Emocionado pelo instante da partida, poudo, entretanto, Fulvio Aducci certificar-se do prestígio de que goza entre todas as classes sociais, cujos representantes lhe foram

dejar o seu abra o de despedidas.

Immensa foi a sua dedica o  s coisas públicas, no governo Schmidt, em cujo quadriennio o operoso secretario geral desenvolveu a sua vasta capacidade de trabalho e demonstrou o fulgor do seu talento.

Foi no reconhecimento desses meritos e ainda pelas suas qualidades de cora o, que os amigos e admiradores do preclaro catharinense o festejaram domingo, na occasião do seu embarque.

Bulha d'arroio

(ENSAIO REGIONAL)

—«Pois é isso, preguei com uma carga de chumbo na palêta do tio Jaço. Ell'era typo inzoineiro, a mê provocar toda vida, com voz de chibarro, orneando cantigas espôras num querumão desgraçado. A ultima vez que demos adeus de mão pegada, foi na venda do Janguta, na Chapada-Feia. Bebemos na mesma guampa a mesma polvora. Ajouquei-me a um canto e gachei-me a olhar o tio velho. O damnado tava ficando gôrdo, e garrando a viola, dansando, aos corcovos, com zunhadas pelos bordões, pegou a belliscar na minha vida, uma vida triste... Eu, então-se, com um pulo de jaguatirica cahiu na mangueira e gritei o garrão, a tirar um cotêjo. Elle pinchou-se, a espada reberberando na mão. Peleiamos um mundo de tempo. Cortei-o, p'ra ultimar, nos costilhares, e brincando, limpei a sangüeira do ferro na hollandia que era o seu picunha del-le. Jaço, brabo, com os olhos relampeando, que nem pôça onde o sol se lava, fincou-me um golpe que desviei, indo o tio velho cair p'r'o lado, escoiceando, que nem gado na derrubada da marcação... Montei no meu tostado, e disse p'r'elle, que roncava como touro de scisma perdida p'los rodeios:—«Cue puna bisca velha! cotêjo contigo só a lagarto, p'ra xarquar o lombo a laçoço, como quem tira balda de aricunga ou reina de boizinho guacho!—E cheguei os ferros no animal! Isso era de tarde. Já o céu, como réz golpeada no sangrador, ia ficando dum vermelho de sangüeira, igualzinho a tinta encarnada do tiçume de igreja. Pela pinheirama uma ou outra carucaca ajeitava-se para o pouso e algum carancho, farejando ainda térneiro novo, piava um pio agourento... Eu ia galopeando, a petiço, pela estrada do Rabungo, levar uma riconvencia ao Chico Bragado. Não que fugisse,

que eu cá nunca arreceiei boi no palanque, nem Jaços por esse chão de Deus. Mas, como eu falava,—ia galopeando, cortando com o meu matungo essas coxilhas e canhadas. Ao descer um tôpe, perto do Lageado Velho, onde corre o Arroio Pequeno, senti bulha na água. Sofrenei o tostado. Timbrei logo dois punças—eu ia no rasto. Mas, seu doutor, aqui é que está toda a minha desgraça! Quem haverá de dizer! Em oito cascos de pelungos gafeirentos! Na bulha do arroiozinho! Já vae ver: Costeando a taipa, dois homens compunham o zarreio. Metti-me num capão, e bem defronte aos andantes, parei a enrolar o meu cigarro, com a chuspa dos dedos. Dahi, como os ouvidos não se fecham, e eu'tava curioso, fui notando a conversa dos homens. Pois, um, acredite e eu lhe juro por São Joaquim, era justamente, inteirinho, em carne e lonca, o tio Jaço! Fiquei quebra. Elles rinchavam alto:—«Mas vançê tá cortado? Parece que vae se boleando, á maneira de séstro!»—«Pois, foi o Pedro Lonanco. Pinchei-lhe com um chapéo de veado pelo quengo, e o espeloteado, atopotando-se de ciume, mê provocou. Medimos logo as vasilhas e sai cortado do cotêjo.» Eu não pude ouvir mais: a Thanagilda, broaca velha marraeira, andava fazendo vida com o tio Jaço—um'égua pesteadada das cadeiras!... Não ouvi mais, e abrindo a bocca soltei o meu grito de desespero e vingança—E'hôô!... —Os taimbés, como vacas desgarradas, responderam meu berro, e eu larguei-me pelo matto a dentro, morro abaixo, numa disparada louca. Dias depois apeei na minha ramada. Pinchei o soccado no girão. Era escuro. Garrei o guariba e fui ponhar no catre do rancho. Topei tudo numa remexida. Sai convencido, fui p'ra cozinha. A Thanagilda ta-

va macetando pinhão perto da grade. Pedi café (aqui engrossa esta historinha dos diabos), e a tibéria trouxe o copinho, que eu fui temperando calado. Mas, p'ra maior desgraça, o maldito tiuha piché! Eu não podia mais atuar: a bicha tomou o frelo nos queixos e não havia modos de bandeal-a. A vida, p'ra mim, era uma cangalha mal enjambrada, era que nem carga que pende: do lado de lançar o peso de lá d'ovelha—a minha coragem de confiado; do lado de montar—o peso de sal da minha amargura. Carga de sal! Era só velhaquear p'r'o arroio... e ficava desliviado. Virei a louquear da cabeça. Pinchei com o copinho nas guampas da Thanagilda e fui s'embora, por esses mundos de Deus, com a vinchestra no lombo... Na altura do Passo do Torto, empaquei, pertinho do matto carrasquento. Ouvi tropel de animal. Era a Providencia que mandava: o tio Jaço, vinha meio encorvado, num galope feio, p'r'o meu lado. Ahí, então-se, só sei que calquei o gatilho e o bruto despencou do animal, berrendo a gumitar sangue: «Só mesmo de trêição!» Quando dei tento de mim, a Thanagilda'tava do lado, olhando meio tararáca p'r'o macho della. Não aguentei: Segurei a bisca velha pelas crinas e enveredei p'r'o taimbé. Ergui-a sobre o rio que escunava, em baixo. Ella garrou-se á minha mão com zunha e dentes, mas eu sacudi o braço, e só ouvi, p'r'o fundo, o barulho dumã coisa que s'esmigalha nas pedras e cae n'agua aos pedaços. Senti um allivio grande. Havia ficado livre da carga de sal que tanto me pesava: a honra dum tropeiro tava areada com o sangue dos dois feduntos. E, depois, seu doutor, a gento de tanto aloitar com a desgraça, abomba, fazendo o diabo, acabando, de estripolia em estripolia, com essa te-

A lingua nacional

Já tive a oportunidade de escrever acerca do que podíamos chamar a Lingua Nacional — das brasileiras.

Não era a defesa nem a apologia internacional de solecismos de barbaridades e defeitos indesculpáveis.

Era muito mais erguido e levantado o meu propósito.

Tratava-se da independência do nosso pensamento e de sua immediata expressão.

É abusiva e incompreensível talice sustentar que a diferença de uma lingua, ou dialecto, para outra, consiste apenas na pronuncia. A pronuncia é um signal ou symptoma de outras differenciações, excentricas ou concentricas, que caracterizam qualquer typo de linguagem.

O sotaque tem differenciações infinitesimais e cada pessoa pôde ser conhecida pela voz.

A's differenças de timbre correspondem outras differenças fundamentais.

É um *trivialism* e não convem perder tempo com essa trivialidade.

A litteratura, porém, cá deste lado Atlantico não quer ter nenhum *sotaque*, desdenha e soffoca a espontaneidade propria e vive de uma lingua ficticia e imaginaria.

Mas, o que nos interessa neste momento, é verificar que o phenomeno, *pro e contra*, é geral em toda a America.

Os Americanos do norte lutam com exito pela independência da lingua nacional contra a formidavel pressão inglesa.

Os ingleses riem-se com ironia apparentemente razoavel. E' o caso, dizem, do *-bos locutus est*, se os senhores escrevem correctamente o inglês confessam a impotencia e a impossibilidade de uma lingua americana.

Não é esta, porém, a verdade dos factos. Todo homem bem educado escreve correctamente

a sua lingua, em qualquer parte do mundo. E no que nos diz respeito a nós brasileiros é sem dúvida agradável a opinião muito generalizada entre portuguezes (Candida de Figueredo, Julio Dantas, A. de Campos e outros) de que no Brasil se escreve ou se estuda com maior perfeição a lingua commum.

Essa perfeição é um puro artificial, como o é nos Estados Unidos. Explica-se pela imitação excessiva, pela submissão quase inerivel com que sacrificamos todas as nossas expressões immediatas em favor de uma lingua litteraria esterilizada, despidida de todos os seus *venenos regionaria*.

Ha entre nós, para exemplo, meia dúzia de escriptores do fundo d'alma brasileiros, que galvanizam todas as chamadas anormalidades barbaras pondo-lhes uma casquinha superficial da nova graphia portuguesa. Affectam assim uma apparencia "hybrida de lusismo galvanoplastico.

Outros devoram com avidez auctores portuguezes de quarta e quinta ordem, mediocres ou abominaveis, sob o pretexto de retemperarem a lingua. E' bom frequentar essas essencias.

Contra essa chloroformização malsã é que investe um romancista norte-americano (pois que o phenomeno é tambem da America) o sr. Rupert Hughes, propondo a independência de uma *-Statish language*.

Em verdade, cá no sul como ao norte, precisamos de affirmar a existencia de uma lingua do Estado.

Esta não será uma lingua nova mas um proposito da differença pela lingua alheia.

O sr. Rupert Hughes é um romancista de valor e que já mereceu o epitheto de Balzac americano, pelo vigor da expressão e sentimento da realidade. Neste momento o seu ultimo romance — *What's the world coming to?* —

escripto após a guerra, conseguiu enorme popularidade.

Não é espirito vulgar que necessite de qualquer escandalo litterario para forçar a attenção dos seus compatriotas.

Pois bem, si tivéssemos de trasladar as palavras de seu breve artigo sobre a independência da lingua americana, bastar-nos-ia substituir os termos *statish* e *english* por — brasileiro e portuguez — para que logo se percebesse a identidade dos casos.

Vale, pois por uma justificativa do que temos escripto.

Vejam bem como Rupert Hughes rompe a questão:

«Impõe-se desde já uma nova declaração de Independência.

«Será possível imaginar que um auctor inglês (leia-se—portuguez) tenha hesitações em empregar um termo qualquer sob o receio de que não seja entendido pelos americanos ou que estes o não aprovevem?

«A hypothese é de si mesma absurda.

«Entretanto é essa coisa mais commum entre os escriptores da America; todos elles se preocupam de saber se a expressão necessaria que lhes occorre é *bom inglês* (leia-se *bom portuguez*) e se está nos dictionarios registrada com a pecha de *colloquial U. S.* (leia-se—*brasileirismo*.)»

E' exactamente o que succede no Brasil, por uma submissão voluntaria e inexplicavel.

Devemos convir como diz Rupert Hughes, que isso é absurdo, desprezível e servilmente colonial (*absurd, contemptible and servilely colonial*.)

— Recusamos, diz elle ainda, submeter as nossas leis e instituições á inspecção ou approvação dos estrangeiros. Porque, pois, havemos de aceitar esse veredicto exotico nas nossas arts e na expressão da nossa intelligencia?

A lingua portuguesa (estamos

ALÉM . . .

I

Ah! si eu pudesse viver eternamente no Além! ..

Lá, nessa região sombria e vaga, está toda a minha felicidade, dorme amortalhado meu coração—frio como um cadaver, hirto como o marmore, rijo como o granito...

II

Quantas vezes... quantas... em uma somnolencia doce, acho-me transpor ado nas asas da Chimera ao Horto—Azul dos sonhos.

E ahi, trêmulo como o som

da cythara, mais pallido que a Via-Lactea—ajcêlhado aos pés dessa que tanto amo...

Que venturas experimento então—alvo de suas caricias, bebeneo na taça morna de seus labios vermelhos o balsamo esiranho que remoça minh'Alma ac brunhada e triste...

Em um colloquio delicioso ouvindo a sua voz maviosa sentindo o seu halito febril e oliente...

Quantas vezes.. quantas.. a tenho possuido nos braços, desfallecida... branca...

III

Mas.. decepção horrivel.. Desperto.

Venho á Terra.

Encontro a

Aperto lhe carinhosamente as mãos.

A mesma freza...

Fto lhe cheio de meiquice o semblante

O mesms desdêm,..

Noite amantissima - porque foge - tão cedo?

Ah! si eu pudesse viver eternamente no Além...

Do livro "Eterno Sonho"

Solfieri de Albuquerque

a substituir apenas as palavras do romancista) deixou de ser celtica, latina, arabica ou visigothica, para conquistar a individualidade actual. Não será essa a mesma lição que estamos a aprender, transformando todas as origens e todas as collaborações ephemerias das raças, em proveito de uma personalidade original?

Certas selvagerias americanas só existem na imaginação dos ingleses (leia-se portuguezes) por ignorancia delles quanto á propria lingua.

Um critico inglés notou em Rupert Hughes um verbo selvagem — *liptoe*; — mas a palavra é pura e inglesa, e está no famoso romance—Clarisse Harlowe—do seculo XVIII.

(Deste romance é que tomamos, e em todas as linguas cultas, o type e o nome de Lovelace.)

Ora, a mesma coisa acontece entre portuguezes e brasileiros. E' sabido que um critico lusitano extranhou em José de Alencar o adjectivo — *faccira* — que entretanto é um vocabulo archaico, contemporaneo das secias e peraltas de outro tempo.

Muitos dos nossos brasileiros, e muito da nossa grammatica, não passam de archaismos preservados na America.

Sob varios aspectos, como se

verifica na questão orthographica, somos tradicionalistas, ou antes, somos indifferentes á evolução de além-mar.

Isso não é um antagonismo reflectido (o que seria novo artificial), é a consciencia de que já possuímos os fundamentos de evolução propria, nova e independente.

No dia em que não nos comprehenderem, façam glossarios e, se o quizerem, traduzam os escriptores americanos.

Certamente, não chegaremos a esse extremo de differenciação.

A verdade, entretanto, é que normalmente dois seres não realizam a sua propria evolução, agarrados como xyphopagos, um ás carnes do outro.

Em qualquer caso, livre-nos Deus dessa teratologia.

João RIBEIRO.

A zona do Oyapock precisa ser nacionalizada

O Ministro da Agricultura tem recebido novas informações sobre a região do Oyapock, onde actualmente se acha uma commissão de funcionarios technicos da Directoria do Povoamento, chefiada pelo Dr. Gentil Norberto, estudando a melhor condição de povoar aquella uberrima zona do territorio nacional.

Accrescentando novas informações enviadas, a commissão tem communicado factos que impõem immediatas providencias para a nacionalização do Oyapock.

Sabe-se que ahi, tudo tem aspectos e caracteres de terras onde predomina o espirito das coisas suas francesas, pois os nomes dos logares e dos objectos só são conhecidos em francês. O gentio brasileiro fala francês, de moedas com que fazem troca nas suas negociações só conhecem o franco, o registro civil é feito em francês, e assim por deante.

A commissão está profundamente impressionada com essa situação e age para estabelecer, o mais breve possivel, colonias agricolas com elementos nacionais e immigrants.

O que existe brasileiro na feracissima zona apresenta desolados quadros. Está neste caso o pequeno destacamento militar que esquecidamente vegeta no longinquo Oyapock.

As noticias fornecidas pela commissão estão sendo tomadas na maior consideração pelo director do Povoamento, que, de acôrdo com o Sr. ministro, vai tomando as medidas urgentes para acabar com a influencia exercida pela autoridades estranhas em toda a zona.

TEM TEMPO...

Ainda não nos corrigimos do pessimo veso de confiar ao amanhã, ou á pressa da ultima hora, o que resolveriamos, com opportuna e facil deliberação, no mesmo instante, sem precipitações desastradas, mas com juizo seguro e certo.

Sejam as mais intrincadas soluções ou casos menos importantes, que se apresentam a exame, olhamos-los pela rama, ficamos, pouco mais ou menos, de posse do assumpto e declaramos, com displicencia; tem tempo...

Dessa inercia da vontade e, ainda melhor, da lentidão em resolvermos coisas leves, de facil despacho, ou tomarmos em ponderação os negocios mais graves—temos, pelas proprias mãos, manipulado tantos prejuizos serios quantos os dissabores não menos prejudiciais.

E não nos emendamos, contentando-nos com olhar, embevecidos, o calmo deslizar das nuvens e o sereno luzir das estréllas pelos céus além, murmurando consoladoramente: *tem tempo*.

Por isso é que o Brasil não se faz representar em Punta Arenas; nós, a primeira potencia da America Meridional, em tórno da qual agora se aggremaam, na Liga das Nações, todas as nacionalidades do nosso continente...

Por falta de tempo; e, enquanto recebemos tão significativas de monstrações de cordialidade e de elevação dos nossos irmãos latino-americanos—correspondemos á alta e desvanecedora homenagem, brilhando pela ausencia na commemoração do feito que tanta importancia deverá despertar entre nós, e elles, pelas affinidades de raça, os mesmos interesses, identicas aspirações e mais pela reciprocidade larga de um cordial entrelaçamento.

Sempre temos tempo; fiados na boa estrélla protectora destas terras, agora soffreu a desidia nacional o merecido castigo.

O Brasil não se representará na

feita da descoberta de Magalhães, e sómente pela falta de tempo necessario ao aprestamento e navegação do navio nacional, que levaria ao extremo sul a gloria da nossa bandeira...

Por via desses ponderosos motivos de falta de tempo e de providencia, ficará o *Rio Grande do Sul* em aguas azues da Guanabara, quietamente á espera, para as salvas do estilo, da lição que nos dá a grande nação do Prata, mandando-nos em visita de saudação ao natalicio da Republica, uma das suas naves.

A quem attribuir o desastre da *gaffe*? A todos e a ninguém. Se fosse, agora, opportuno o momento das indagações, chegaríamos, facilmente, á conclusão natural que a culpa temo-la todos nós, governantes e governados, que ainda não nos curámos do virus essencial, inicial e representativo do «temos tempo».

O mal está feito e já sem remédio; fique nos, ao menos, o tempo necessario para o tratamento premunitório das recaídas.

A Carta geral da Republica

O projecto ha dias apresentado pelo illustre representante de Matto Grosso, Sr. Severiano Marques, acerca das condições para a promoção ao generalato, estabelece, além de outras providencias, que o Serviço da Carta Geral do Brasil terá de ser dirigido por um official-general.

Não é essa a menos apreciavel, dentre as boas idéas que se contém no referido projecto. Transformado, que seja, em lei, converterá em realidade uma aspiração dos elementos mais adiantados do Exército.

De facto, é inutil encarecer a importancia do serviço em questão, o qual se terá de estender a todo o territorio da Republica. Está o trabalho em questão prestigiado já pela probidade e competencia dos officiais delle incumbidos; e por isso mesmo é justo que os poderes publicos concorram para cada vez mais eleva-lo, alargando a esphera de acção que lhe foi traçada...

Ora, é evidente que, sob a direcção, obrigatoriamente de um ge-

neral, a Comissão da Carta Geral gozará de maiores facilidades para a aquisição de todos os elementos, de pessoal e de material, necessarios á consecução do seu elevado fim.

Este é o resultado que trará a aprovação do projecto do Sr. Severiano Marques nesta parte.

Dahi advirão immediatos á terra gaúcha, onde se concentram actualmente os esforços da commissão da Carta Geral: está claro que a tarefa da tresma uma vez ultimada, muito contribuirá para que seja sempre melhor a administração do grande Estado do Extremo Sul.

Logo depois, virá a vez de Santa Catharina, do Paraná, de todos os outros Estados; e a vantagem do emprehendimento é de tal ordem que parece escusado estar a insistir sobre a conveniencia de encaminhar a sua effectivação no mais breve prazo, para o que muito concorrerá a adopção do dispositivo a que alludimos.

EDUARDO HORN

SANTA CATHARINA—BRASIL

Matriz—Florianopolis
Caixas Postaes 39 e 40

Filial—Laguna
Caixa Postal

Cods.: A B C 5ª. Ed., Ribeiro (Two in one), Borges, Particulares.
End. Telegr.: *Trigo*

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Importação—vinhos, sal, farinha de trigo, phosphoros, azeites, xarque, louças, ferragens, assucar, sardinhas, soda caustica, canella, papel, etc. etc.

Exportação—farinha de mandioca, polvilho tapioca, arroz, assucar, feijão, banha, café, frutas verdes, couros seccos, cera d'abelhas, crina animal, etc., etc.

AGENTES—Pereira Carneiro & C. Ltd. (Companhia Commercio e Navegação), Gomes Ribeiro & Bastos, Empresa de Navegação L. Carsoglio & C.—(Moínhos Santa Lucia, Bahia Blanca, Pahuajó, Santa Cruz)—Waltee & C. Material de toda especie para extincção de incendios—Machinas de desinfecção «Clayton».

Agentes em todas as principaes cidades do mundo

João Grumiché

ARCHITECTO CONSTRUCTOR

Encarrega-se de quaesquer

construcções no Estado

ESCRITORIO

Praia Comprida

S. JOSE'

QUALQUER

assumpto
sobre com-
mercio?

COPIAS DE REQLERIMENTOS

TRANSAÇÕES COMMERCIAES?

Compras, vendas, indicaçõe^s
uteis? •Procurae o

Escriptorio

Commercial

á rua Visconde de Ouro Preto n. 1
esquina da praça 15 de Novembro e
tudo será resolvido em poucas horas

Hyppolito Boiteux & Cia.

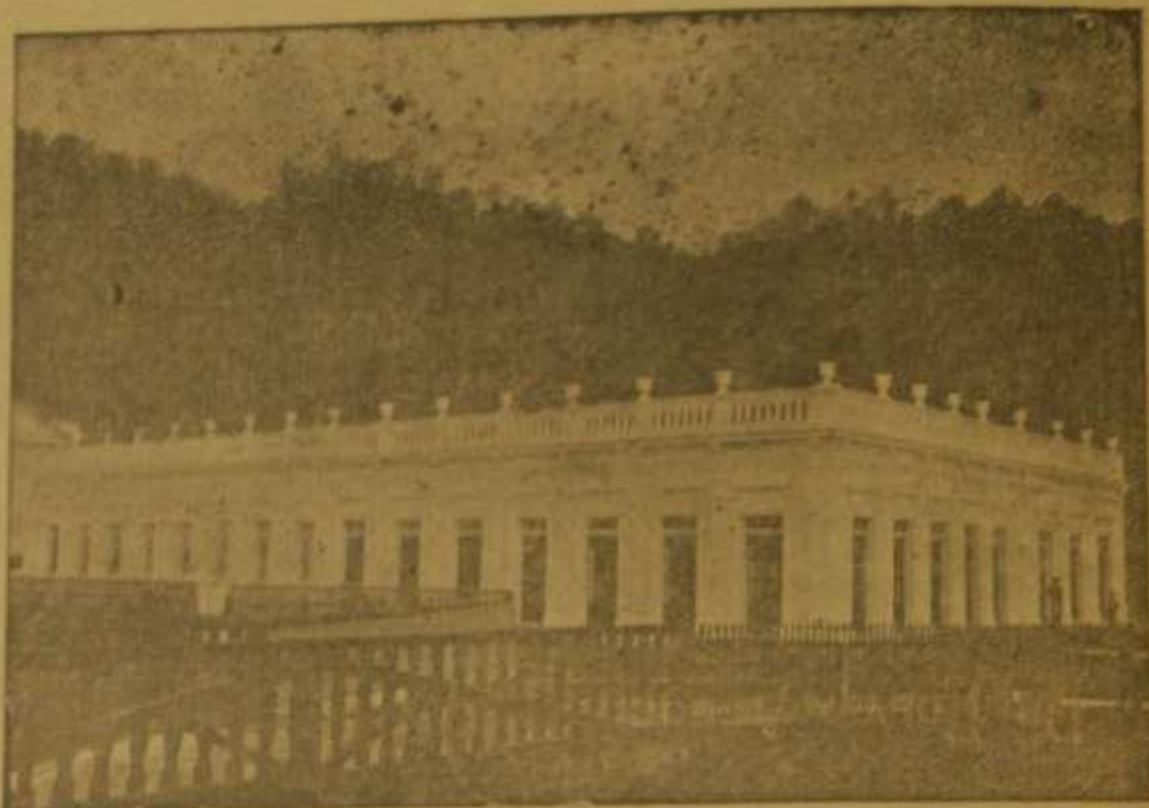
Completo sortimen-
to de: fazendas,
armarinho, ferra-
gens, louças, dro-
gas, calçados,
chapéus, papela-
ria, tinta, oleos,
secos e molha-
dos

Exportadores de
madeiras, açúcar,
café, farinha de
mandioca e ce-
reais

Comissões e
Consignações

Rua Coronel
Henrique Boiteux

Rua Guarda
Marinha Marti-
nelli 2



Endereço Telegraphico: "BOITEUX"

Nova Trento S. Catharina

Officina photographica e de gravura

Acha-se funcionando, na *Republica*, a officina
photographica e de photogravura

Attende-se ali a qualquer chamado e encommenda com toda a presteza
Especialidade em reportagens photographicas e clichés

Preços modicos

Cliché minimo 5\$000

Centimetro 100 réis

Dr. Alfredo da Luz

E

Dr. Gilberto Paranhos

— ADVOGADOS —

Escreptorios em

FLORIANOPOLIS BLUMENAU

e

RIO DE JANEIRO

(Avenida Rio Branco n. 56)

1º ANDAR



Empreza Garcia



Fiação

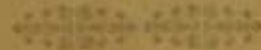
Tecelagem

Fundição

Marcenaria

BLUMENAU

— S. Catharina —



Hering e Cia.

— Fiação e Tecelagem —

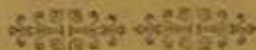
FABRICA

de tecidos

de meia

Blumenau

Santa Catharina



Gustavo Salinger & Cia.

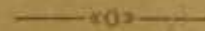


Importação e Exportação

Productos

catharinenses

Artigos Extrangeiros



BLUMENAU — Santa Catharina

Hoepcke, Irmão & Cia.

SANTA CATHARINA

Endereço telegraphico:

HOEPCKE

Codigos

A B C 4 5 Ed.—Ribeiro

Watkins—Carlowitz

Matriz** Florianopolis-----Filial: São Francisco

Correspondentes em Lages e na Laguna

Importadores de:

FAZENDAS E ARMARINHO. FERRAGENS. GENEROS DE ESTIVA

Secção de machinas

Representantes de:

General Electric Company, Schenactdei, N. Y.
Vaccum Oil Company, Rochester
The Studebaker Corporation of America
Companhia S K F do Brasil

Proprietarios:

Da Fabrica de Pontas de Paris «Rita Maria»
Da Fabrica de Rendas e Bordados «Hoepcke»
Da Fabrica de Arame Farpado e de Grampos para cerca
Da Empreza Nacional de Navegação «Hoepcke»
Do Estaleiro «Arataca»
Da Fabrica de Gelo.